

Ao longo dos anos, sempre ouvimos dizer aos mais velhos, e lemos em muitos romances: "os tempos estão cada vez piores". Quase se pode dizer, ser essa uma constante de todas as épocas. De facto, viver não é fácil, e existe a tendência dos mais velhos de valorizarem o passado, a sua juventude. Mas a vida vai correndo, independentemente dos tempos e, sendo optimista, podemos constatar uma evolução positiva da humanidade ao longo dos séculos. Lenta, com altos e baixos, mas irreversível.

Nesta caminhada, cabe aos professores e aos investigadores continuar a fazer o seu trabalho com profissionalismo, nomeadamente resistir nos períodos de baixa, e manterem-se como uma das reservas das Nações. Só o conhecimento pode salvar os Povos.

Embora lentamente, o potencial científico de Portugal tem vindo a crescer. Tem sido um trabalho de diversas gerações, difícil de construir, mas fácil de destruir. Neste número, entre tantos motivos de interesse salientamos as notícias referentes à Jubilação dos "construtores" Professores Bernardo J. Herold e João José R. Fraústo da Silva. Um ciclo da sua vida que se conclui e que constitui motivo de gratidão para todos nós. Como ambos têm ainda muito para dar à ciência portuguesa, resta-nos desejá-lhes continuação de bom trabalho. E como não há duas sem três, o terceiro construtor a ser mencionado neste número é o Professor Jorge Calado cuja entrevista se inclui.

Seguindo uma salutar rotina, os nossos leitores podem ainda contar com as ru-

bricas habituais, sempre cheias de motivos de interesse e também com uma boa polémica. A Sociedade Portuguesa de Química não tem um pensamento único e neste boletim não há uma verdade oficial – nem para um lado nem para o outro. E o corpo editorial não faz censura de opinião. Pelo que os nossos leitores se devem habituar a ler coisas com que não concordam. E devem aceitar que a revista não é, nem melhor nem pior, por publicar aquilo que concordamos e ignorar o que discordamos. De certo que pelo menos a maioria dos membros da SPQ tem ideias semelhantes sobre a importância da Química na nossa sociedade. E isso cremos que baste. Esse é o cimento que nos une. O resto faz parte das contradições do viver.

## CARTAS AO EDITOR

### Exmo. Senhor Presidente da Sociedade Portuguesa de Química

Mais uma vez me dirijo a esta instituição indignada, com o conteúdo de artigos publicados no boletim, na secção química e ensino. (A 8 de Julho de 2002 enviei uma carta, dirigida ao Secretário Geral da SPQ, sobre a correcção apresentada no boletim para o Exame Nacional de Química, 1.ª fase, 1.ª chamada – à qual não obtive resposta).

No boletim n.º 88 pode-se ler um artigo, escrito por duas pessoas da Escola Secundária de Henrique Medina, Esposende (suponho que sejam professores, porque não consta qualquer identificação profissional em rodapé) que põem em causa o trabalho e a competência dos professores de Física e Química do país inteiro. Lêem-se aí parágrafos como estes:

"a)...já previam a realização de actividades experimentais relacionadas

com os conteúdos da disciplina, mas estas não eram concretizadas,....mas principalmente porque não é fácil ao mesmo professor conjugar conteúdos teóricos com trabalhos experimentais, numa mesma disciplina."

"b)...mas toda a gente sabe que a realidade tem sido bem diferente e que só muito episodicamente há aulas experimentais de CFQ do 10.º e 11.º anos. Está igualmente escrito nos programas ainda em vigor que a execução das actividades experimentais será tida em conta na avaliação dos alunos, mas duvidamos que tal seja aplicado em alguma escola portuguesa. Ou seja, a prática de vários anos já comprovou, sem margem para dúvidas, que não é viável a integração das componentes teóricas e experimental do currículo."

"c) Na generalidade das escolas, é **unicamente** nas Técnicas Laborato-

riais... que existe disponibilidade de tempo ...os alunos levaram a cabo trabalhos práticos de laboratório – e não meras demonstrações efectuadas pelo professor – sendo as suas competências para o trabalho experimental tidas em conta na avaliação."

"d)... *Nessas condições, as actividades experimentais, mesmo que pudessem ser concretizadas, em nada seriam benéficas para a disciplina.*"

Chocante é ainda a baixa qualidade literária do texto, que emprega expressões como "Para levar a água ao seu moínho", e palavras como "eduquês", cujo significado não encontro no dicionário da língua portuguesa nem o entendo no contexto.

Apenas recorrendo à minha memória, comento que a auscultação feita às escolas com base na reflexão sobre os documentos de preparação da reforma curricular do Ensino Secundário, referi-

da no segundo parágrafo deste artigo, eram bem claras e consideravam a extinção das disciplinas da Formação Técnica. Tal conduziu à manifestação de discordância pela maioria dos professores, de que tenho conhecimento, junto do Ministério da Educação, através dos meios para isso colocados ao dispor.

Não concordo com o projecto de reforma agora apresentado pelo Ministério de Educação e subscrevo os artigos escritos por José Ferreira Gomes e por Duarte Costa Pereira, publicados no mesmo boletim, bem como a posição da SPQ sobre as Linhas Orientadoras da Revisão Curricular – Ministério de Educação, 2002, tendo a devido tempo manifestado publicamente a minha discordância, em conjunto com as minhas colegas de Departamento.

Fase ao artigo em questão, interrogo-me como é que os professores de Esposende leccionam, por exemplo a electricidade no 10.º ano, uma vez que a componente experimental aí necessária só é realizada em Técnicas Laboratoriais de Física III, disciplina que os alunos por norma não escolhem no 10.º ano (isto é apenas um pequeno exemplo).

A componente experimental não é tida em conta na avaliação dos alunos? Como? Nos critérios de avaliação da disciplina que são aprovados pelo Conselho Pedagógico da Escola tal parâmetro não

é considerado, indo contra o estipulado na Lei de Bases do Sistema Educativo?

Tais afirmações põem em causa a competência científica e pedagógica não só dos professores de Física e Química, mas também dos órgãos directivos das Escolas.

Não sei o que se passa em Esposende. Sei que muitas escolas deste país funcionam mal, que há muitos professores incompetentes, mas felizmente nas escolas que conheço, na região da grande Lisboa, os procedimentos não são estes. Ao fazer tais afirmações estes senhores, para além de contribuírem para a má fama que os professores já têm e que leva à falta de respeito da sociedade pela nossa classe, **estão ainda a caluniar muitos profissionais da educação.** O que lhes dá o direito a tal? Não entendo e menos ainda entendo **como é que um editor publica semelhante artigo.**

A SPQ está largamente a ultrapassar os limites na falta de critério que tem na selecção dos artigos que publica no boletim. Qualquer leitor interpreta o escrito neste artigo como a opinião geral dos professores. Como professora eu sou incluída. Estão a interferir na minha dignidade profissional, uns senhores que nem se sabe o que são profissionalmente.

Quanto a mim dispenso-me de apresentações, pois o meu n.º de sócia per-

mite o acesso a qualquer informação sobre a minha identificação pessoal e profissional.

Poderia também escrever um artigo sobre a Reforma do Ensino Secundário, mas prefiro de momento canalizar o meu tempo e as minhas energias para a preparação das aulas teóricas e experimentais, que lecciono e para preparar o melhor possível os meus alunos, para enfrentarem os desafios do Ensino Superior ou do mercado de trabalho, com sucesso.

Consciente de que ao longo dos anos não tenho contribuído para a excelência do boletim da SPQ, também não me tenho manifesto em relação à sua baixa de qualidade. Mas há situações face às quais a passividade se torna quase indigna. É o caso deste artigo e do sucedido com o Exame Nacional de Química de 2002, 1.ª fase, 1.ª chamada.

Agradecendo desde já a vossa atenção, despeço-me com os melhores cumprimentos.

4 de Maio de 2003

Ana Sousa

Sócio n.º 612

Doutorada em Química pela FC-UL

Docente na Escola Secundária

Stuart Carvalhais, Massamá

## NOTICIÁRIO SPQ

### Jubilação do Professor João José R. Fraústo da Silva

A 30 de Agosto de 2003, João José Rodilhes Fraústo da Silva completará 70 anos de idade e, consequentemente, atingirá a Jubilação como Professor Catedrático do Instituto Superior Técnico. Decidiu a direcção da Química, Boletim

da Sociedade Portuguesa de Química (Sociedade da qual foi, aliás, presidente), assinalar a ocasião pedindo-me um breve depoimento sobre o Prof. Fraústo da Silva, com quem iniciei a minha actividade docente e de investigação cientí-

fica em 1963, há, portanto, 40 anos, tarefa que aceitei com imenso prazer.

Não cabe neste depoimento descrever o percurso extremamente diversificado de Fraústo da Silva como Investigador, Educador e Homem Público, pois ele